

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSCA
LICENCIATURA EM MÚSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM EDUCAÇÃO MUSICAL

MARCO AURÉLIO DE CARVALHO AURICH

**ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DA
ATUAÇÃO DE DOCENTES EM UM PROJETO DE EDUCAÇÃO MUSICAL EM
PORTO ALEGRE-RS**

PORTO ALEGRE

2024

MARCO AURÉLIO DE CARVALHO AURICH

**ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO: UM ESTUDO DE CASO ACERCA DA
ATUAÇÃO DE DOCENTES EM UM PROJETO DE EDUCAÇÃO MUSICAL EM
PORTO ALEGRE-RS**

*Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Música, apresentando ao
Departamento de Música do Instituto de Artes
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para a obtenção do
Título de Licenciado em Música. Orientador:
Professor Dr. Renato de Carvalho Cardoso*

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Aurich , Marco Aurélio de Carvalho
ENSINO COLETIVO DE VIOLÃO: UM ESTUDO DE CASO
ACERCADA ATUAÇÃO DE DOCENTES EM UM PROJETO DE
EDUCAÇÃO MUSICAL EM PORTO ALEGRE-RS / Marco Aurélio
de
Carvalho Aurich . -- 2024.
43 f.
Orientador: Renato Cardoso.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Música, Porto Alegre, BR-
RS, 2024.

1. Educação Musical. 2. Ensino Coletivo. 3. Violão.
I. Cardoso, Renato, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Claudia, ao meu pai, Marco, à minha irmã, Fernanda, ao meu cunhado Marcelo, e à minha querida sobrinha e afilhada, Isadora. Às minhas avós, Nilda Léa e Maria Luiza. Aos meus avôs, Antônio e Hélio. Às tias, tios e primos. Minha família é a base de tudo que sou e serei sempre grato.

À minha amiga Jéssica e minha querida afilhada Aurora. Às minhas amigas e amigos da música, da biologia, e da vida. Obrigado por trazerem alegria e leveza pra caminhada.

Ao meu orientador Renato Cardoso, pelo acolhimento e, principalmente, paciência. Às professoras da banca, Jusamara Souza e Luciana Prass. Aos meus alunos e alunas. Às professoras, professores, mestras e mestres da trajetória musical e da vida. Obrigado por serem inspiração e acolhimento na caminhada profissional com a música.

RESUMO

O ensino coletivo de violão tem sido uma das principais práticas de educação musical dentro de diferentes contextos de ensino, surgindo como uma oportunidade de democratização do ensino de música e tornando acessível o estudo para o grande público. A atuação docente, nesse sentido, se apresenta como uma importante maneira de mediação e facilitação de processos de aprendizagens, tanto para o coletivo, como para as individualidades de cada estudante. Assim, o trabalho apresentado aqui busca, como estudo de caso, compreender e analisar as diferentes dimensões da atuação de dois educadores de violão de um projeto público de educação musical, com foco no ensino coletivo. Também, buscou-se entender como os docentes procuram se relacionar com os estudantes e como isso influencia em suas tomadas de decisões pedagógicas. Foram realizadas observações de campo, anotações e entrevistas. As respostas, juntamente com as anotações de campo e com o apoio da bibliografia, serviram de dados para análise e discussão textual. Pode-se compreender, ao final do processo de pesquisa, que ambos os docentes procuram atuar de forma a priorizar a experiência musical, com foco na qualidade das relações humanas, estabelecendo vínculos afetivos com estudantes e familiares. Cada um à sua maneira, dando mais ou menos prioridades para questões como o uso de partitura para o ensino e a postura adequada com o instrumento. Para muito além de um ensino de instrumento voltado as práticas de técnicas e habilidades com o violão, a prática coletiva oportuniza aos estudantes e professores um ambiente de descontração e acolhimento, onde a música surge como um elemento potencializador de interação social.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Referencial teórico	7
1.2 Motivações para o trabalho	9
1.3 Objetivos e procedimentos metodológicos	10
2.DISSCUSSÃO	14
2.1 Trajetória dos professores e objetivos de aula	14
2.2 Perfil dos estudantes, relação com professores e relação entre si.....	17
2.3 Estratégias pedagógicas, materiais didáticos e processos avaliativos	24
3.CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS I.....	40
Roteiro de entrevista	41
ANEXOS II	43
Modelo do termo de consentimento dos entrevistados	43

1. INTRODUÇÃO

1.1 Referencial teórico

A discussão sobre o ensino coletivo de violão encontra respaldo na obra de Flávia Cruvinel (2004), pesquisadora que destaca a responsabilidade dos educadores musicais em promover essa prática em diversos ambientes educacionais, desde escolas básicas até organizações não formais, como ONGs e projetos sociais. Tourinho (2004) também é uma educadora que contribuiu para o desenvolvimento dos estudos de práticas de ensino coletivo de instrumento no Brasil. Ela observa o crescimento dessa modalidade, mas destaca a falta de literatura científica para fundamentar essa prática, apontando o desafio de fornecer subsídios que impulsionam seu desenvolvimento.

No trabalho da autora, também encontramos princípios essenciais para o ensino coletivo de violão. O primeiro destaca que todos podem aprender a tocar um instrumento, abolindo testes seletivos em favor de critérios como interesses, idade e repertório. Outro princípio sugere remanejamentos semestrais, levando em consideração a assiduidade e diferentes velocidades de aprendizado. Tourinho também enfatiza a importância da aprendizagem pela observação, interação e imitação, considerando o professor como exemplo e referencial, e os colegas como compartilhadores das dificuldades ou avanços compartilhados pelo coletivo. O planejamento da aula, considerando o grupo como um todo, respeitando ritmos individuais e distribuindo tarefas de acordo com preferências e competências são outros princípios destacados (TOURINHO, 2008).

Cruvinel fala sobre a importância de uma educação crítica e transformadora, alinhada ao esforço coletivo pela democratização da sociedade (2004). Tourinho (2003) também afirma que o rendimento do estudante iniciante é ampliado em um contexto coletivo, onde colegas atuam como referência e um professor, com mais experiência musical, lida com as competências individuais e coletivas. No mesmo sentido de discurso, o educador musical Carlos Kater apresenta alguns argumentos importantes a respeito da atuação do professor em projetos sociais.

O educador musical, como qualquer professor, presta-se, querendo ou não, como modelo de referência para seus alunos, não só do ponto de vista musical (sua competência técnico-específica, digamos), mas também enquanto pessoa humana que é. Sua postura singular, maneira de ser e de estar, opiniões e comportamentos atuam ininterruptamente para eles como viva ilustração. A assimilação de modelos e mimetismos em geral fazem parte da necessidade que todo indivíduo tem de

pertencimento a um grupo de afinidades ou classe maior e a incorporação e reprodução de padrões diversos pelos alunos – de maneira involuntária e voluntária também –, constitui-se na base da construção de uma identidade própria, imprescindível ao seu desenvolvimento (KATER, 2004, p.45).

Cruvinel também traz importantes reflexões a partir de Souza (2004) sobre os desafios da educação musical e de pensar a música como parte de um mundo, que vai para além de uma disciplina técnica.

Souza relata sobre os desafios do processo educativo e ensino musical, questionando sobre como ensinar música propiciando uma aprendizagem que estimule os alunos a desvendar o mundo que os cerca, ou seja, o contexto histórico-cultural que se vive diante das diferentes realidades apresentadas. Para a autora, conhecer o aluno como um ser sociocultural, mapeando os cenários exteriores da música com os quais os alunos vivenciam seu tempo, seu espaço e seu “mundo”, remete ao educador musical pensar na Música, ampliando as reflexões sobre as dimensões do currículo, o conteúdo-forma e o processo de ensino-aprendizagem. (SOUZA *apud* CRUVINEL, 2004, p.5)

Alda Oliveira destaca a natureza mais motivadora do ensino coletivo, afirmando que os alunos aprendem mais em menos tempo devido às técnicas pedagógicas aplicadas nesse contexto (Oliveira *apud* Cruvinel, 2005). A aprendizagem em grupo é considerada agradável pelos estudantes, pois percebem que suas dificuldades são compartilhadas, evitando desestímulos e se sentem parte de uma orquestra ou coral desde o início dos estudos. Cruvinel (2004) destaca uma série de benefícios observados na prática do ensino coletivo, incluindo melhora na disciplina, organização, cooperação, solidariedade, respeito mútuo, concentração, desempenho técnico-musical, consciência corporal, assimilação de conteúdos, interação entre os estudantes, socialização, motivação, entre outros. A autora também considera a importância do ensino coletivo para uma educação crítica e transformadora.

Sobre essas questões, Carlos Kater traz importantes contribuições, que dizem respeito também à função social da educação musical e da importância de considerar as individualidades para a estimulação da criatividade.

Música e educação são como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento. Nesse sentido, entre as funções da educação musical teríamos a de favorecer modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade (KATER, 2004, p.44).

Ainda sobre a atuação de docentes em projetos sociais, Fialho (2014) também cita alguns pontos importantes a serem considerados:

A formação dos professores de música para atuar em projetos sociais precisa se dar apoiada em uma prática docente efetiva. Nesse contexto, há que ter clareza de que os projetos sociais comumente ocorrem em contextos múltiplos, com protagonistas singulares no que concerne a suas histórias de vida. O sucesso do professor nessa multiplicidade está relacionado à construção de uma prática destituída de categorias hierárquicas de valores culturais. (FIALHO, 2014, p.135)

Ao analisar as considerações teóricas de autores brasileiros sobre o ensino coletivo de instrumentos, tendo foco também o violão e projetos públicos de educação, como projetos sociais, percebemos uma convergência de ideias no que tange à importância social dessa temática. A inserção dessa prática de ensino nos diferentes espaços educacionais, com base em princípios que valorizam a diversidade, a colaboração e a participação ativa dos estudantes, contribui para a construção de uma educação musical mais inclusiva e sensível às questões relacionadas aos potenciais das individualidades e, conseqüentemente, de um coletivo mais integrado. O desafio, conforme apontado por esses autores, está em fornecer subsídios teóricos e práticos para educadores que estão atuando na área, favorecendo também o fortalecimento e eficiência da educação musical para o público-alvo.

1.2 Motivações para o trabalho

Em minha trajetória pessoal como estudante (seja na música ou outras áreas) sempre tive como hábito observar criticamente a atividade dos professores. Reconheço neles uma presença essencial na formação de todos os cidadãos e cidadãs do mundo, com os quais criam e estabelecem relações e experiências entre indivíduos, influenciando diretamente na construção de seus pensamentos e, conseqüentemente, em suas ações no mundo.

Fez parte do meu processo de formação desenvolver um olhar crítico para minhas experiências em aulas de música, ainda que, por um tempo, com um forte caráter subjetivo, sem o apoio fundamentado na literatura, apesar de que com algumas referências iniciais já estabelecidas por interesse pessoais, como leituras de livros de Murray Schaffer (1991), sobre propostas de educação musical a partir da sensibilização da escuta com os elementos da paisagem sonora. Essas leituras vinham de encontro com minha formação anterior, na área das ciências biológicas, meio ambiente e educação ambiental. Esse momento foi importante para que eu buscasse inspirações para minha formação na área da música, mas também criando pontes com outras temáticas de meu interesse, e que

também envolviam educação. A partir da minha entrada no curso de licenciatura em música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pude entrar em contato, mais especificamente, com a epistemologia da educação musical, conhecendo os principais autores e autoras, vivendo novas experiências em sala de aula, trocando saberes com colegas estudantes e professoras.

Além disso, a minha relação com a música sempre esteve bastante atrelada às práticas musicais de roda. Seja por meio de rodas de samba, choro, capoeira, cirandas e outras, que têm na tradição de música oral a sua essência, sempre tive nessas experiências uma relação de carinho e motivação pelo fazer musical em conjunto. Acredito que minha musicalidade tenha sido bastante influenciada por esses momentos. Por isso, também, acabei buscando um estudo mais aprofundado das práticas musicais coletivas.

O curso de licenciatura me ofereceu uma visão de aulas coletivas de música, com forte abordagem na escola. Porém, minha atuação sempre foi no sentido de oferecer e me envolver com aulas de violão, seja na modalidade coletiva ou individual. Ao longo do curso, pude perceber que o enfoque não era nas aulas de instrumentos, apesar de haver duas disciplinas sobre isso no início. Por isso busquei no meu trabalho de conclusão uma oportunidade para buscar referenciais pedagógicos e experiências docentes nas aulas de violão coletivo. A busca pelo ensino coletivo, especificamente, se deu no sentido de conhecer os desafios e os potenciais dessa modalidade de ensino de instrumento, a partir, principalmente, da visão de professores.

Foi natural, para mim, durante esse tempo de professor de violão me perguntar como os docentes, já com formação acadêmica na graduação completa, agiriam em situações específicas das quais eu observava com meus estudantes. Como possibilitar aos estudantes melhores condições de aprendizado com determinadas questões envolvendo a música e o violão? Como tornar a aula um momento mais satisfatório para o estudante? Como lidar com as questões pessoais e familiares que envolvem esse processo? O trabalho apresentado foi motivado por essas questões e buscou, ao longo de suas diferentes etapas, responder essas e outras perguntas que foram surgindo.

1.3 Objetivos e procedimentos metodológicos

O objetivo deste trabalho é, portanto, discutir a pedagogia do ensino coletivo do violão, tendo como estudo de caso a atuação de uma professora e um professor de um

projeto público de educação musical na cidade de Porto Alegre. Mais do que isso, buscou-se entender as diferentes dimensões dos aspectos pedagógicos e como é estabelecida a relação dos professores com os estudantes em sala de aula. Os objetivos específicos são:

- Compreender como se dá a resolução de problemas técnicos dos estudantes com o instrumento e como os professores entrevistados pensam e agem com esses pontos. Conhecer de que maneira os professores auxiliam no processo dos estudantes com o instrumento, com exercícios específicos, atendimentos individualizados e reconhecendo as principais necessidades de cada estudante;

- Pensar como está sendo o processo de manter a motivação, o interesse, a autoestima, e a sensação de bem-estar dos estudantes perante as questões de aprendizagem com o instrumento;

- Conhecer e obter, como referência de práticas em aulas, as principais decisões pedagógicas dos professores;

- Compreender quem são os estudantes dos projetos.

- Conhecer como se dá a relação do professor com as famílias dos estudantes.

Em relação aos procedimentos metodológicos, inicialmente, optei pelo estudo de caso (BOGDAN; BIKLEN, 1991) para a realização do projeto em questão. Segundo Merriam, “O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (MERRIAM *apud* BOGDAN; BIKLEN, 1991, p.89).

Dentro do atual estudo de caso, foi escolhido o caso de observação. Esse tipo de estudo permite que o foco esteja centrado em algum local ou ambiente específico, com um grupo específico de pessoas envolvidas em determinada atividade (BOGDAN; BIKLEN, 1991).

A partir disso, deu-se a escolha por um projeto público de educação musical, no sentido de buscar compreender as práticas pedagógicas nesses ambientes onde o ensino de música ocorre a partir do acesso gratuito aos estudantes. Esses espaços possuem uma importância muito grande para difundir as práticas e vivências musicais para o grande público, principalmente às populações de menor acesso a escolas particulares de música. Esses projetos cobrem, também, a lacuna do ensino de música nas escolas públicas, que carecem de professores concursados para essa área de conhecimento.

Em seguida, foi realizado o contato com a instituição, a fim de formalizar o interesse e a escolha do projeto para a realização do trabalho. Um professor (Sérgio) e

uma professora (Ana) do projeto aceitaram fazer parte da pesquisa, abrindo gentilmente o espaço de suas aulas para observações e sendo entrevistados. A fim de preservar as identidades dos professores, bem como de estudantes, os nomes são fictícios, assim como a denominação de “Projeto” para o projeto aqui estudado.

Ao total, foram observadas quatro aulas de cada professor(a), de cerca de cinquenta minutos cada. Anotações de campo auxiliaram no processo de relato escrito e memória de cada aula assistida. Sobre a importância do processo de observação de docentes em aulas de música, Morato e Gonçalves (2006) comentam:

A observação do mundo passa pelo filtro do “nosso olhar”, das nossas crenças, dos nossos preconceitos, enfim pelo nosso imaginário do que seja aprender música, do que seja uma aula de música, do que seja um bom professor de música. Essas crenças, que foram construídas nas nossas histórias de vidas individuais, durante todo o percurso da nossa formação musical, são importantes constituintes de nossas experiências anteriores e fazem com que vejamos o mundo pedagógico musical que observamos a partir delas (MORATO; GONÇALVES, 2006, p.129).

Ainda em relação às observações de aulas, as autoras também trazem questões importantes a respeito de que o observador também é observado pelos professores:

Vemos do mundo aquilo que queremos ver, conforme as perspectivas socioculturais em que somos formados. Se isso vale para mim, vale também para as pessoas com quem interajo. Uma vez colocados em situações educativas para observar outros professores, não somos somente nós que os observamos, eles também nos observam - e o fazem conforme suas perspectivas socioculturais. Por isso, trata-se também de uma avaliação pontual, porque descontextualiza a relação de interação que se estabelece no processo pedagógico centrado a observação apenas na pessoa que observa. Tanto quem observa quanto quem é observado estabelece uma interação mútua que deixa de ser considerada (MORATO; GONÇALVES, 2006, p.125).

A entrevista com os professores foi realizada ao final do processo de observação.

Sobre a relação das entrevistas e dos dados de campos, Bogdan e Biklen (1991) afirmam:

Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizados em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas essas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p.134).

Como forma de registro para futura transcrição da entrevista, foi usado um gravador de celular, que foi ligado no início da conversa. A entrevista se deu de forma aos entrevistados responderem às perguntas de maneira livre, sem um tempo pré-determinado para cada questão, ou para a entrevista como um todo.

As questões realizadas em entrevista foram separadas em blocos, de acordo com

suas características específicas. Os blocos foram divididos a partir das dimensões pedagógicas, tendo como foco os estudantes, os professores, processos pedagógicos e aspectos técnico-musicais, adaptando a proposta de Torres et al. (2013). Apesar de, muitas vezes, não ser possível estabelecer uma divisão clara entre os blocos de perguntas, a sua divisão auxilia na sistematização do pensamento e da prática, tanto para o entrevistador, como para o entrevistado (BOGDAN; BIKLEN, 1991). Essa divisão também foi importante para o processo de desenvolvimento da escrita do trabalho.

Para cada entrevista, houve momentos de intervenções minhas, com comentários pessoais sobre o que estava sendo falado, a fim de estabelecer também um sentido de conversa para aquele momento, saindo das formalidades das perguntas. A ordem das perguntas também foi decidida ao longo da entrevista, pois muitas vezes uma resposta abarcava mais de uma pergunta. Coube a mim, entrevistador, estar atento a esses pontos, para evitar respostas repetidas. Os entrevistados responderam as perguntas, tanto de forma a priorizar a turma das quais foram observadas nesse trabalho, mas também trazendo comparações com suas experiências de outras turmas, tanto do mesmo projeto, quanto de outros, com diferentes abordagens, incluindo as aulas particulares.

Após a realização das entrevistas, iniciou-se o processo de transcrição das falas. Em seguida, após o processo de leitura e apropriação do conteúdo textual, categorias foram estabelecidas, baseadas, principalmente, nos blocos de perguntas realizadas. Bogdan e Biklen (1991) citam a importância da categorização na pesquisa qualitativa, o que também chamam de “categorias de codificação”:

O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões (...) As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu, de forma a que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p.221).

A seguir, a discussão empreendida inclui a trajetória dos professores entrevistados, o objetivo dos mesmos com suas aulas, o reconhecimento e a relação deles com seus estudantes, a relação entre os estudantes, as estratégias pedagógicas, a observação sobre as preferências dos estudantes em sala de aula, as atitudes em relação aos processos de motivação, confiança e bem-estar dos estudantes e as escolhas para seus processos avaliativos.

Na pesquisa apresentada, observou-se muitas questões que permeiam a atuação

dos professores entrevistados. A fim de qualificar as discussões em pesquisas futuras, alguns tópicos aqui apresentados podem ser analisados com mais atenção, como as discussões sobre os recortes de classe, gênero e raça, além da discussão sobre o papel social de um projeto de educação musical como o do contexto estudado.

Como resultado da pesquisa, também foi possível perceber a experiência musical como fator potencializador de interação social e relações humanas, considerando a boa relação com estudantes e seus familiares, criando vínculos afetivos. Ainda que cada educador estudado apresente suas diferentes trajetórias, com diferentes escolhas pedagógicas para o andamento de suas aulas, a prática de ensino coletivo de violão mostrou-se como uma importante ferramenta de educação musical para crianças e adolescentes do projeto estudado, considerando a música como uma atividade que pode e deve ir muito além de habilidades técnicas com o instrumento.

2. DISCUSSÃO

2.1 Trajetória dos professores e objetivos de aula

Ambos os professores entrevistados possuem formação acadêmica em violão, tanto como bacharéis, mas também como licenciados, ou com cursos de capacitação em educação musical. Em relação ao bacharelado, os dois tiveram sua formação voltada ao ensino tradicional de instrumento, com estudos de repertório canônico de formação conservatorial. Portanto, ambos com formação pedagógica que os auxiliam para a atuação no projeto. Mesmo assim, possuem diferentes estratégias de atuação e diferentes personalidades como professores, o que gera diferentes resultados em sala de aula.

A atuação em projetos de educação musical de docentes com formação universitária é de considerável relevância para que o curso possa oferecer aos estudantes a confiança de que estão sendo orientados de maneira qualificada, independente de sua formação ser específica ou não. Os professores entrevistados possuem experiência tanto na área de ensino coletivo de violão, quanto com o ensino individual. Essa diversificação na formação é importante, também, visto que cada uma apresenta seus desafios específicos.

Eudes Carvalho (2013) indica a importância da formação anterior dos docentes na área de licenciatura como um fator-chave para a qualificação das aulas em projetos

sociais. Mesmo que cada professor tenha tido uma trajetória diferente, seja por graduação ou especializações, ainda assim a formação docente formal se apresenta como um elemento que irá enriquecer a experiência dos estudantes de música.

Mesmo sem formação específica em licenciatura ou pedagogia, é comum que muitos espaços não formais de educação musical oportunizem a músicos instrumentistas as vagas como educadores (Almeida, 2005). Ambos os professores também possuem essa formação como instrumentista, tanto acadêmica, com graduação e pós-graduação, quanto como participantes em diversos projetos, concertos e festivais com violão solo ou de acompanhamento.

A experiência anterior dos entrevistados também conta como um elemento social para o atual momento como docentes nos projetos. Para cada uma delas, novos desafios se apresentam e novas tomadas de decisões serão necessárias. Como citado por um deles:

Durante a formação de professor de música, a gente acaba trabalhando muito no coletivo. Apesar do violão, a gente tem os alunos particulares, né? Fica muito mais fácil às vezes de sanar dúvidas(...)Só tem o aluno e tem uma ou outra dinâmica, muito mais direta e que obviamente teria resultados muito mais rápidos. Mas como professor de música eu já tive muitas turmas coletivas de até 15 alunos tocando ao mesmo tempo no teclado, percussão... Então isso já me ensinou muito sobre como ter dinâmicas, como fazer as coisas andarem, como ter motivação, e principalmente de como o mais difícil das aulas coletivas é tu saber lidar com a coisa heterogênea. Porque tu vai ter alunos com diferentes experiências ou facilidades de aprendizado (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

O professor indica alguns detalhes específicos dos desafios entre as diferentes aulas. Alguns deles dizem respeito ao fato de que, com as aulas individuais, é possível identificar mais rapidamente alguns aspectos técnicos em relação ao instrumento. O fato de ter muitos estudantes e menos tempo de aula, apresenta-se como um desafio para observar e indicar ao estudante a melhor maneira de tocar o violão em determinadas situações.

Para resolver algumas dessas questões, o professor Sérgio cita que procura indicar exercícios para aqueles possuem maiores dificuldades ou também para aqueles que possam apresentar maior familiaridade com as práticas musicais trabalhadas no coletivo. Pude observar em aula algumas questões específicas relacionadas a isso, quando trouxe para um dos estudantes um material impresso onde apresentava o desenho dos acordes principais do método CAGED¹ na primeira posição do instrumento. Isso só foi possível

¹CAGED é um método de visualização de formas de acordes no braço do violão. Cada cifra representa uma posição que abrange as primeiras três casas do instrumento.

pelo fato de que o professor percebeu, no momento em que tocavam, que ele tinha muita facilidade em realizar os acordes e ritmos trabalhados. Essas tomadas de decisões estão embasadas, também, em sua formação anterior, onde pôde aprender de forma sistemática como atender as demandas específicas de cada estudante, estudando diferentes métodos e aplicando eles como forma de estudos em diferentes projetos onde atuou. Portanto, um planejamento de aula fortemente embasado em sua trajetória anterior.

A atuação do docente em sala de aula requer sempre a necessidade de estar pensando sobre os motivos pelos quais suas aulas serão guiadas e, conseqüentemente, quais as decisões serão tomadas para o aproveitamento por parte dos estudantes. Pensar e estruturar os objetivos de um trabalho pedagógico, sistematizando as etapas e buscando refletir o sentido por trás de suas aulas podem auxiliar o docente a ter clareza sobre seus trabalhos, pensando de onde irá sair e onde irá chegar (Torres et al,2003).

Quando questionados sobre os objetivos de suas aulas, ambos os professores mencionaram a importância de considerar a experiência musical como parte essencial no processo dos estudantes, para além dos resultados técnicos e de performance com o instrumento. A professora comenta sobre a necessidade de que os estudantes se sintam bem com a prática de tocar violão coletivamente. Que o processo de aprendizado possa ocorrer de forma tranquila e que o estudante tenha motivação de tocar:

Basicamente meus objetivos são esses: ensino de música, ensino do violão, mas sempre partindo de algo que vai realmente motivar esses alunos a estudar em casa, e a querer seguir. Que seja uma coisa prazerosa pro aluno (...). A gente tá formando pessoas que vão ter contato com a música que e não seja uma coisa que vai traumatizando, no sentido de que vai ser alguma coisa que não dê o gosto pela música, e sim que traga essa pessoa pra dentro da música, que ela veja a importância (Professora Ana, entrevista, 2023).

O educador musical e compositor Murray Schaffer (1991) traz importantes reflexões sobre a necessidade de não colocar os alunos de música no estudo de alta técnica forçadamente, pois isso tende a afastá-los das práticas musicas. Swanwick (2003) também comenta sobre como a música possui um importante papel para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social e a mudança.

Outro ponto trazido, agora pelo professor Sérgio, é sobre o objetivo das aulas variar em torno das necessidades de cada pessoa ou grupo específico no qual ele está lecionando. Por exemplo, cita o caso de um aluno que quis prestar concursos para violão, para ingressar em outras modalidades de curso, mais avançado. Para esses casos, existe a necessidade de uma atenção adequada a esses interesses. Portanto, o objetivo do professor

acaba se tornando o objetivo do próprio aluno, que é o de se tornar capaz de interpretar um repertório específico, com exercícios técnicos também específicos para essa situação.

Ainda assim, a presença de alunos em sala de aula que ambicionam a carreira de música como área de atuação profissional é escassa. Portanto, é de extrema importância que os objetivos das aulas possam ainda estar voltados para uma experiência também artística, valorizando o potencial de autoexpressão dos estudantes, além da sensação de bem estar, diversão e de interação com outros colegas.

Eu não acredito que estudar a música seja sempre como objetivo de fazer isso profissionalmente. A maioria das pessoas que eu dou aula não faz isso para ter um futuro profissional, é só porque gostam de música, porque querem desenvolver alguma arte. Então eu tento trazer sentido assim. Ter contato, tocar, se divertir, ter um momento ali de descontração. Isso constrói relações também, nessa idade especialmente. Então meu objetivo é basicamente esse, é fazer com que eles tenham contato com música da forma mais prazerosa possível e menos exigente possível (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

Os objetivos das aulas de música, portanto, segundo os entrevistados, buscam sempre estar ao encontro com a necessidade de criar um espaço de acolhimento para estudantes, onde a música seja a ferramenta principal. No caso, as aulas de violão coletivo podem servir, também, como um ambiente de interação social, com o aprendizado coletivo e trocas entre os estudantes, favorecendo o processo de construção do senso de coletividade.

2.2 Perfil dos estudantes, relação com professores e relação entre si

Quando perguntados sobre quem são os seus estudantes, os professores trouxeram, cada um, questões interessantes de se destacar. Ambos professores oferecem aulas no projeto para estudantes de idades que variam de 6 a 15 anos. As turmas que observei são formadas por estudantes alunos de 7 a 9 anos. Sobre as características gerais e a trajetória com a música dos estudantes da turma observada, o professor Sérgio cita:

São alunos que parte deles já eram alunos do projeto antes, então já tinham tido aulas de violão e de outros instrumentos também. Alguns talvez até tenham tido aula de musicalização. Eu não sei muito bem a história antecessora deles, mas tem também alguns alunos que chegaram agora e estão todos na mesma turma. Então sempre é e foi também um desafio começar as aulas com eles, porque tem alunos que nunca tocaram nada e um aluno como o [João], por exemplo, que já toca com dedo alternado, pestana para lá e para cá, umas escalas, tira a música de ouvido e aparece tocando música de um vídeo que ele me viu tocando no YouTube. (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

Sobre a outra turma observada, a professora Ana também cita sobre a trajetória anterior dos estudantes:

Essa turma é a maior que eu tenho. Cinco alunos, né? Enfim. Teve muita evasão. Teve gente que se inscreveu em mais de uma oficina, a gente tem essa possibilidade aqui no [projeto]. Então normalmente, elas vão optando ao meio do caminho por qual dessas oficinas elas conseguem mais né?(...) As turmas dos alunos velhos, que já estavam no [projeto] né, já tem essa bagagem musical vinda de outras turmas. Mas como teve a questão da pandemia e a questão de rotatividade de oficinas e eu tenho percebido que as turmas elas não vêm com uma bagagem muito sólida, né? Elas vêm com algumas coisas que elas lembram de mais de teoria musical, nem sempre ligadas ao instrumento violão e quando elas fazem a oficina de violão em anos anteriores, muitas vezes, tem um certo esquecimento, né? Então algumas coisas não estão bem solidificadas e eu acho que em função de ter essa rotatividade bastante grande. A gente tem bastantes alunos que tem esse interesse em várias oficinas. A dos meus, que eu tenho conhecimento, a maioria faz flauta doce e canto. Canto coral. Então a maioria vem desses instrumentos. Eu acho que um ou dois fazem piano junto com violão, mas a maioria ou vai para um instrumento melódico que é importante, ou vai pro canto mesmo” (Professora Ana, entrevista, 2023).

Portanto, ambas as turmas observadas possuem estudantes que já haviam tido contato com musicalização em outras oficinas do projeto. Alguns trazem vivências de casa também, de uma prática instrumental espontânea, ou também incentivados pela família. Do contrário, outros possuem menos experiências formais, e estão entrando em contato pela primeira vez com os estudos musicais.

Durante as observações percebi que alguns estudantes chegavam sempre juntos. Às vezes havia alternância entre os pais de um e outra, que em diferentes dias os acompanhavam até a sala de aula. Fiquei pensando se eram parentes, ou se haviam se tornado amigos ali no projeto, ou algo nesse sentido. Mesmo sem ter sido perguntado sobre esse fato, o professor comentou sobre isso:

A gente teve algumas coincidências que aconteceram, muito positivas. Vou citar o nome deles, tá, talvez tu consiga lembrar. [O João], esse menino que toca já há mais tempo e a [Paula] que é aquela que começou a gritar ontem, eles são colegas de escola (...). Eu lembro que foi uma coincidência que na primeira aula. O [João] tava lá, daqui a pouco chegou a [Paula]. Ela olhou assim, [João] você tá aqui. Ele não sabia, não tinha combinado porque eles escolhem, é meio aleatório de se inscrever e às vezes a gente não consegue abarcar todo mundo, aí manda um pra uma turma, outro pra outra. Não sei como é que foi o caso deles, mas eu acho que talvez tenha sido uma coincidência. No máximo, talvez, os pais terem conversado, mas eles não sabiam dessa informação. Então, são dois alunos ali que eram muito amigos já antes (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

A professora comentou também sobre o fato de que a maioria dos estudantes são oriundos de escola privada. Portanto, estão inseridos, muito provavelmente, num setor

de classe média da sociedade. Essa questão é interessante porque apresenta uma contradição em relação ao público-alvo de interesse de um projeto público de educação musical. Era de se esperar que os estudantes que frequentam as aulas fossem oriundos de escola pública, com menor acesso ao ensino formal de música. Um dos argumentos apontados pelo professor é sobre a questão da divulgação das vagas para o projeto em períodos de matrícula:

A gente não tem muita ferramenta de divulgação. Então vai muito pelo boca a boca e aí daqui a pouco um pai de uma escola vem, gosta, e conta para as famílias daquela escola e a gente tem de repente 30 inscrições de uma escola, só porque alguém comentou. Aconteceu um caso também que a gente tinha uma professora substituta que além de dar aula ali dava aula na escola e comentou na escola. A gente teve 50 inscrições naquela escola (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

Outro elemento citado pela professora que poderia indicar algumas questões de acesso ao projeto por parte de um público de outra situação social, seria o problema da locomoção dos estudantes até o ambiente de estudo. Nas minhas observações, percebi que os estudantes chegavam, em sua maioria, de carro, com familiares. Alguns até comentavam sobre terem vindo de “uber”, indicando um status social de menor vulnerabilidade social. Não houve menção a deslocamento de ônibus ou outro transporte público até o local. Esse transporte implica em um período de deslocamento, sendo necessário um planejamento familiar para que o (a) filho (a) consiga pegar o ônibus em horários adequados. Como as aulas duram cerca de 50 minutos cada, seria um investimento a mais com passagens de ônibus para a família. Considerando as dificuldades financeiras, pode não ser uma prioridade esse investimento com aulas de música.

Outra questão importante trazida pela professora é de que as turmas do projeto apresentam pouca diversidade étnica entre os estudantes, sendo a grande maioria reconhecidos como brancos. Essa situação aponta para um problema estrutural na sociedade relacionado à falta de políticas institucionais que busquem ampliar o acesso de pessoas negras aos ambientes de estudo, trabalho e lazer em locais com predominância de pessoas brancas. Apesar deste ser um tema bastante debatido atualmente, com os movimentos sociais buscando intensificar as ações por mudanças em todas as esferas da sociedade, tanto pública quanto privada, ainda é necessária uma constante atenção das instituições para que os acessos sejam equilibrados. Para isso, se faz necessário as chamadas políticas de ações afirmativas. Essas, devem ser pensadas considerando planejamento, incluindo estratégias de ampla divulgação, acessando diferentes escolas,

em diferentes bairros da cidade, considerando, principalmente, regiões periféricas e outras que apresentem carência de ações sociais por parte do poder público.

A professora entrevistada também trouxe que a maioria das turmas é composta por meninas. Isso apresenta-se como um fator positivo, considerando a necessidade de empoderamento constante de meninas para atuarem como musicistas. Podendo se apropriar desde cedo a um instrumento musical, como o violão, terão oportunidades de inserção no mundo da música, seja de forma profissional ou amadora, utilizando-se, assim, dos benefícios do estudo do instrumento para sua atuação como cidadãs no mundo. Essas questões são amplamente discutidas por Lucy Green (2000):

É então na própria experiência musical – no simbolismo aparentemente inquestionável da música, de como as coisas são e de quem somos – que as identidades de gênero são simbolizadas e reproduzidas a um dos mais eficazes e profundos níveis (...) Acredito que o melhor contributo que os professores podem dar é serem sensíveis às competências e interesses musicais dos seus alunos, mantendo-se alerta e consciente acerca do envolvimento do gênero na prática musical, intenção e experiências musicais, e os efeitos não só nos nossos alunos, como também em nós. (GREEN, 2000, p.65)

Assim, a música apresenta-se como um importante fator de empoderamento feminino e de discussão constante das questões de gênero, como em todas as áreas de conhecimento da sociedade.

O professor Sérgio comenta que possui uma boa relação com seus estudantes. Sente-se como um irmão mais velho para eles, o que é algo interessante de perceber, mesmo nas observações de aula.

Eu acho que no geral é muito boa, a gente tem uma boa relação entre nós, eu tento ter um comportamento de um professor, quase que um irmão mais velho muitas vezes, mais do que uma figura de autoridade completa assim. E eu acho que isso dá uma liberdade para eles, eles se sentem muito mais à vontade nas minhas aulas, às vezes até extrapola um pouco (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

A descontração da relação dos alunos com o professor Sérgio pôde ser percebida logo nos primeiros momentos das minhas observações. Tanto na chegada dos estudantes, como nas interações deles com o professor. Em meu primeiro dia de aula, ele também me apresentou para a turma como alguém que ficaria lá no canto, apenas olhando eles. Isso gerou algumas brincadeiras de todos e todas.

A entrada dos alunos se deu rápida e no mesmo instante que o professor abriu a porta para terminar as aulas anteriores. Eram dois alunos meninos e três alunas meninas e pude perceber uma boa relação de todos e todas com o Sérgio, logo no início. Ele anunciou minha presença na sala, perguntando para as crianças se elas haviam reparado algo de diferente naquele momento. Todas disseram que sim, em alto e bom

som. Sérgio disse que eu também era professor e que iria assistir às aulas lá no fundo, mas que as crianças poderiam tentar imaginar que eu era invisível. Evidentemente, isso já foi motivo de piada ao longo de toda a aula, já que o “ser invisível” ficava lá usando roupas visíveis, óculos visíveis, se mexendo, anotando coisas, com objetos visíveis e tudo mais. Mesmo com a situação engraçada e inusitada para as alunas e alunos, a aula pôde ocorrer com uma certa naturalidade (Anotações pessoais de campo, 2023).

O professor também cita sobre a relação dele com os familiares, que também parece ser próxima, como a dos estudantes. Ele traz um exemplo curioso, de uma estudante que é filha de uma antiga professora e colega de trabalho. Além disso, também reforça sobre a comunicação que tem com os pais pelo telefone, mantendo-os atualizados sobre o andamento das atividades e do envolvimento de cada estudante.

Eu tenho uma boa relação com os pais. Citei antes o caso da [Graziela] que foi uma pessoa que deu aula para mim. Hoje, eu dou aula para a filha dela, mas eu tenho um acesso com WhatsApp pelos pais. Eu dou meu nome para eles e é muito comum ver algum pai mandar mensagem para perguntar “como é que tá meu filho”, “o que que eu posso fazer para ajudar”? Me avisam sempre quando alguém vai faltar por alguma questão, então tem uma relação boa com os pais também de diálogo. Já aconteceu também de eu, por exemplo, falar com os pais dessa aluna que tem um pouco mais dificuldade: “Não tá dando certo. Vamos tentar isso, aquilo”. No caso da [Graziela], por exemplo, mãe da [Juliana], o pai dela toca violão e ela é musicista. Então, já aconteceu de perguntar “o que que eu posso fazer”, e eu passar instruções mais diretas musicais. Faz mais sentido para eles entenderem, enquanto para outras famílias, eu só digo: olha, peguem um violão, toquem e façam alguma coisa. Então é uma relação acho que muito boa, bem equilibrada. Nunca precisei brigar ou alguma coisa nesse tipo. Parece que estamos entre amigos ali tocando violão e se divertindo (Professor Sérgio, entrevista 2023).

Sobre a relação com os familiares, pude observar que muitos realmente já conheciam o professor e buscavam por ele para conversar.

O professor abriu a porta e se dirigiu ao banheiro, enquanto os alunos se ajeitavam na sala. Nesse tempo, uma mãe chegou com a filha e procurou Sérgio na sala. Eu disse que ele havia ido ao banheiro. Mesmo assim, ela deixou a criança e saiu. Essa criança comentou com outros colegas que tinha visto o professor tocando no final de semana. Logo que ele chegou, ela deu os parabéns, e outros entraram na onda (Anotações pessoais de campo, 2023).

O professor também cita, novamente, o caso da menina que considera mais introspectiva na aula, como uma situação que poderia ser considerado uma exceção sobre o relacionamento na turma.

Essa aluna em questão que eu te falei, que ela falta, eu sinto que com ela é difícil um acesso. Eu tenho pouquíssimo acesso com ela, percebo que ela tá sempre meio assustada com as coisas. Mas no geral todo mundo me escuta bem, me perguntam coisas, tiram dúvidas (Professor Sérgio, 2023).

A professora Ana comenta também sobre a relação dos alunos com ela, ressaltando também sobre os feedbacks dos estudantes e sobre seus pedidos e motivações.

Olha... O principal assim quando a gente se vê no corredor, eles sempre vêm me dar o feedback do que estão estudando, sempre cumprimentam. Acho bacana também que os pais dão o feedback de que estão estudando em casa. Quando tem essa troca também de eles me pedirem alguma música e eu trazer pra sala de aula. Eu vejo que a motivação cresce muito, então isso também acaba estreitando mais o laço de confiança para o professor. Então eu tento fazer isso dentro do possível, no nível técnico, ou faço adaptações para que a gente tenha essa ligação mesmo (Professora Ana, entrevista, 2023).

Sobre a relação com a família, Ana aponta que utiliza de email para alertas sobre potencialidades, materiais e assiduidade.

A gente tenta ter um certo contato, porém não é muito aprofundado, é muito por e-mail, né? Ou com conversa de corredor, não temos nenhum tipo de reunião ou coisas assim, mas a gente tem o cuidado também de dar o feedback para as famílias. Hã, inclusive ontem mesmo, eu mandei um e-mail alertando assim: “não esqueça dos materiais, “sejam pontuais, sejam assíduos”. A família tem retornado, dando ok, ciente. Então, isso é muito legal, muito importante para que tenha uma dinâmica colaborativa porque senão não tem ferramenta (Professora Ana, entrevista, 2023).

Nas observações, pude perceber uma interação entre a professora e uma mãe, que condiz com o que foi falado por Ana:

Antes da aula, entretanto, observei uma conversa da professora Ana com a mãe de uma das estudantes, dizendo que ela não levou o material de estudo. A professora comenta muito comigo e com os alunos em aula sobre a importância de eles trazerem os materiais que ela solicita, que geralmente são as partituras, as letras e cadernos para anotações. A mãe da aluna reagiu de maneira a ficar surpresa pelo que a professora falou, e foi imediatamente conversar com a filha. Não consegui acompanhar o prosseguimento da conversa, pois estava entrando para a observação. Porém, quando saí da aula, vi que a mãe ainda estava lá pelos corredores, mexendo em seu tablet, sentada no saguão de espera principal (Anotações pessoais de campo, 2023).

As descrições dos professores sobre sua relação com seus estudantes acontecem, portanto, de uma forma positiva, onde diálogos são estabelecidos, além de conversas descontraídas. Também se faz presente, a relação com a família, com busca de feedbacks via *WhatsApp*, *e-mails* e conversas nos corredores sobre as necessidades individuais de cada estudante, demonstrando, também, uma participação dos familiares no processo de aprendizagem.

Os professores comentaram um pouco sobre como eles enxergam a relação entre os estudantes. O professor Sérgio comenta a questão, usando de exemplo uma menina que nas minhas observações também me chamou atenção pelo fato de ser mais

introspectiva do que a maioria dos colegas:

Relação entre eles no geral é muito boa, a gente tem uma aluna que tu deve ter visto pouco, que foi a [Maria], que ela falta bastante e chega atrasada, sempre é muito quietinha, não se envolve e não estuda. Dá para ver que não tem muito apreço no instrumento e ela é um pouquinho mais isolada. Mas de restante todos se dão muito bem, brincam entre si, trocam de violão. Já aconteceu de eu perceber dois com violão trocado e eu nem tinha visto isso. Assim, são muito amigos, companheiros que se ajudam e funciona super bem (Professor Sérgio, entrevista 2023).

Sobre a questão citada sobre as trocas do violão, também pude observar nas aulas e me chamou a atenção. Essa é uma questão que envolve a curiosidade das crianças de experimentar tocar em outros instrumentos, percebendo as diferenças de peso, textura, sonoridade, etc. Curiosidades essas que também acabam acompanhando a vida de musicistas ao longo da vida. Essa iniciativa de troca de instrumentos é interessante pois agrega também para as interações entre os estudantes.

Também é uma oportunidade para perceber a necessidade de cuidados com o instrumento. Em algum momento, ao final da troca, um deles deixou o violão mal apoiado, gerando a queda do instrumento. O professor aproveitou o momento para indicar a melhor maneira de apoiar o instrumento na cadeira. Ou seja, apesar do “acidente” com o instrumento, esse também foi um momento de intervenção do professor, e aprendizado para as crianças, gerado também pela iniciativa da interação entre eles.

A professora Ana relaciona a interação entre os estudantes com alguns aspectos atitudinais deles em sala de aula:

Essa turma que tu observou ela consegue interagir bem, apesar de alguns terem problemas disciplinares grande. Um pouquinho de imaturidade de postura em sala de aula, mas em função da idade também que é bem natural (Professora Ana, entrevista, 2023).

Acredito que as questões disciplinares e imaturidade de postura às quais a professora se refere estejam relacionadas a algumas atitudes em sala de aula. Por exemplo, em minhas observações de aula pude perceber que uma dupla de alunos daquela aula interagia bastante durante as explicações da professora. Muitas vezes, a dupla acabava chamando a atenção de outros estudantes, que participavam e interagiam com eles no momento, sendo essa interação não relacionada com algum conteúdo da aula ou algo que a professora estava comentando. Em outras palavras, também podemos dizer que estavam dispersos.

As questões disciplinares também fazem parte do aprendizado de uma aula de música. Entretanto, nessa fase da vida, os estudantes costumam estar com a energia corporal mais ativa, tendendo a não conseguirem ficar muito tempo sentados, com a

atenção focada por pouco tempo em algo específico. Assim, é natural que nesses momentos de interação entre colegas ocorra conseqüentemente a dispersão. Além disso, para muitos, esse momento com a música também é um convite a brincarem com seus colegas, podendo conhece-los e criar laços que podem, ou não, seguir por anos.

Ana também comenta que a integração nas turmas é interessante, apesar de salientar que com turmas mais velhas é mais evidente.

A gente vê que eles têm uma integração legal com os colegas, de conversar, de trocar ideias. Nas outras turmas mais velhas é mais evidente ainda. Então a gente tem muita troca, que é muito legal, né? Acho que a maioria das turmas a gente tem isso muito evidente. Uma que outra que é um pouco mais quieta, mas ainda assim quando a gente propõe atividades em grupo, propõe que eles interajam com os colegas, há bastante interação (Professora Ana, entrevista, 2023).

Apesar de também haver algumas questões disciplinares consideradas importantes pela professora Ana, ambos os professores relatam, portanto, uma boa relação entre os seus estudantes. Nas observações, também pude perceber que os estudantes interagem bem em aula, trocando instrumentos, contando novidades, compartilhando ideias e pensamentos de forma espontânea, trazendo assuntos de famílias para os professores e colegas.

2.3 Estratégias pedagógicas, materiais didáticos e processos avaliativos

Os professores comentaram sobre os desafios do ensino coletivo de violão e quais as estratégias que usam para atender demandas individuais e também coletivas dos estudantes. Alguns casos específicos foram exemplificados. Tanto no sentido de estudantes que possuem familiaridade com os estudos no violão, como no sentido de outros casos de estudantes que estão numa posição de menos inclinação pessoal à prática.

Fica difícil poder acordar todas as coisas. Nessa turma que tu tava acompanhando eu acho que eu tenho três situações observadas. Principalmente uma delas é o [João], um super desenvolvido. E o que eu tento fazer para que ele possa desenvolver diretamente para ele, tu observou, é “ah vamos tocar uma música, tu vai fazer um acorde com pestana”, que não tem a menor necessidade de fazer um acorde que nem fica bonito, mas é um desafio para ele fazer e ele gosta. Outra coisa, eu desenvolvo materiais para esse aluno, então ontem eu entreguei para ele uma folha com 36 acordes com todos maiores, menores e com sétima, porque ele me falou sobre isso e eu peguei todos os acordes e desenhei, coloquei numa folha e entreguei para ele. A gente não vai utilizar em aula, mas eu sei que ele vai utilizar em casa, que ele toca todo dia violão, então isso vai ser muito bom para ele(...). No caso da [Maria], que é

essa aluna com dificuldade, o que faço é simplificar o máximo que tem que ser feito para que ela consiga se sentir parte do grupo (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

Em minhas observações de aula, aponte também o caso desse menino, que utilizava de técnicas diferenciadas para aquele contexto de aula. Também percebi como o professor aproveitava o caso dele para utilizar como um elemento agregador de conteúdo para outros colegas.

Um dos alunos começou a brincar fazendo vibratos ao violão. Conversando depois com o professor, ele me relatou que esse menino demonstra uma facilidade muito grande em desenvolver técnicas no violão de forma autônoma, sem ser ensinado diretamente pelo professor. É uma questão interessante, pois ele também não faz aulas particulares e, ao que parece, não está inserido em um ambiente familiar com musicistas. O professor aproveitou aquele momento em que o aluno demonstrava sua habilidade para que as colegas também tentassem aprender a técnica. Percebi que isso não estava no planejamento da aula, diretamente. Mas acredito que esteja dentro do planejamento do professor estar aberto a improvisos. Uma das meninas achou muito difícil, disse que doía o dedo dela. Foi muito comum elas mexerem o corpo todo junto, não só a mão. O professor alertou para essa questão, mas não foi muito mais além do que isso. Outra intervenção do menino foi em relação às anotações da aula anterior, que o professor havia deixado no quadro. Eram os desenhos dos acordes (Am, Em e F) que haviam sido trabalhados. A observação do estudante foi no sentido de que o desenho dos acordes estava “errado”, por que os acordes não estavam dentro da fôrma conhecida dele (o método CAGED). Porém, Sérgio disse que aquela não era uma maneira errada de ilustrar, apenas diferente, pois as digitações estavam concentradas nas cordas mais agudas, oferecendo maior acessibilidade na digitação. (Anotações pessoais de campo, 2023)

O professor Sérgio descreve em mais detalhes os procedimentos que realizou para o desenvolvimento das aulas no início do semestre. Ele utiliza-se de códigos numéricos para indicar as casas e as cordas a serem tocadas pelos alunos em sala de aula. O primeiro número de cada um (o 2 do 23, por exemplo), representava a corda do violão. O segundo (o 3 do 23) representava a casa onde deveriam ser tocadas no instrumento. Essa codificação pôde também ser observada nas aulas.

Então, quando a gente começou o semestre, os únicos alunos que conseguiam fazer acordes eram o [João], o outro [João], que é o de cabelinho loirinho e a [Flávia], que já tinha tido ela comigo antes. Os outros três, [Juliana], [Maíra] e a [Maria] nunca tinham feito acordes, então em nenhum momento eu tentei fazer eles fazerem acordes, nem cogitei isso. Chegava para eles e falava “bom, agora a gente vai fazer um maior então tu vai tocar o número 22”, que é o dó sustenido, a terça da corte e ele fazia isso, estava satisfeito. E aí por parte deles a [Juliana] foi quem começou lá “mas eu queria fazer um acorde, professor, como é que eu faço?”. Aí eu “bah tu ainda não vai conseguir”. Aí ela me aparece na semana seguinte, “meu pai me ensinou a fazer um

acorde”, o lá maior. Então tá então a partir de agora o lá maior que ela vai fazer, mas o ré tu vai fazer 23 e o mi vai fazer 10. E aí fui alterando. Nessa última aula que tu estava agora, eu dei acorde para todos fazerem. Inclusive a [Maria] porque eu não tinha planejado isso para ela, de já dar os números para ela. Ela pegou e montou os acordes. Falei bom, talvez tenha mudado alguma coisa, vamos tentar fazer. Mas aí tu já percebeu a [Maria], [Maíra] e a [Juliana] tocam quatro vezes para baixo, para dar tempo de trocar, e os outros tocam sem parar. E aí o Pedro faz pestana, os outros fazem um acorde, que eu chamei de si menor, mas se seria um re com sexta (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

Ana descreve um pouco de como pensa a escolha de materiais e repertórios para suas aulas:

Eu vou vendo muito pelo que a turma me oferece assim, né? Então a primeira vez que eu vou dar uma aula também vai ser um processo de nivelamento. Eu vou olhar para o que essa turma tá me oferecendo, quem são essas pessoas, né? É muito assim, muito do indivíduo. E aí esse indivíduo dentro do coletivo. Então cada turma tem um perfil diferente. E como eu falei tem uma receitinha de conteúdos, mas que às vezes não se aplica, né? Então vai da minha experiência como docente ver se algumas coisas vão dar certo ou não e muitas vezes não dão, né? E tem que também ter a humildade de voltar atrás e pensar: o que que eu posso traçar como estratégia? Por exemplo, essa turma que tu tem observado, é uma turma muito agitada, que fala muito, me interrompe muito. Também eles são muito novinhos, então eles não têm muita capacidade assim de pensar a longo prazo assim, né? Tudo é muito mais no imediatismo. Então, as músicas tem que ser curtas, tem que ser músicas que eles consigam tocar, tem que ser coisas que eles se autoadministram. Então hoje, por exemplo, essa dinâmica de eles serem professores é justamente para que eles se autoadministrem e consigam administrar os colegas. Eles verem como é que é o outro lado. Então, essa dinâmica eu tenho feito muitas vezes na sala de aula e tem funcionado. Tem músicas que são mais desenhadas para essa faixa etária, né? Então, eu tenho outra turma, de adolescentes. Então, eu também consigo trazer músicas que eles reconheçam, então, escolher os materiais é muito assim a partir da experiência dos alunos. Eu trago muito isso, né? Isso é bem como freiriano, né, de trazer a bagagem dos alunos da sala de aula. Então, a gente tenta fazer essa troca, eu trago os materiais que eu tenho mais, livros infantis de músicas para crianças, temas folclóricos eu trago pra eles pra sala de aula e algumas músicas populares também. Claro que às vezes a gente traz alguma coisa do erudito, mas ainda assim é um erudito que já tá mais ou menos popularizado. Que já está no ouvido deles então, por exemplo, a gente tá trabalhando com outra turma a Ode a Alegria do Beethoven, que é super conhecida. Então vai trazendo, vai envolvendo eles até o momento que a gente possa apresentar coisas mais distintas ainda (Professora Ana, entrevista, 2023).

A professora apresenta, em sua fala, estar aberta a uma abordagem flexível do ensino de violão coletivo, evidenciando a importância de considerar os anseios individuais de cada estudante. Ela ressalta a necessidade de um processo inicial de nivelamento, observando as características específicas dos alunos, como nível de

agitação, capacidade de concentração e idade. A ênfase no entendimento do indivíduo dentro do contexto coletivo destaca a singularidade de cada grupo, levando a docente a ajustar sua abordagem de acordo com as necessidades e dinâmicas específicas de cada turma.

A compreensão de Ana em reconhecer que algumas estratégias podem não funcionar e a disposição de adaptá-las são aspectos notáveis em sua fala, mas também observados em suas aulas. A ênfase na autoadministração dos estudantes, como a dinâmica em que eles se tornam professores, destaca uma abordagem participativa e envolvente, incentivando os alunos a compreenderem o processo educacional por diferentes perspectivas. Essa estratégia não apenas desenvolve habilidades de liderança, mas também cria um ambiente de aprendizado mais dinâmico e participativo.

Além disso, a professora destaca a importância de escolher materiais que sejam relevantes para os alunos, reconhecendo a influência da bagagem sociocultural e musical dos estudantes. A incorporação de músicas populares e reconhecíveis contribui para a motivação e engajamento dos alunos, mostrando a sensibilidade do docente em criar conexões entre o conteúdo musical e a experiência de vida dos estudantes. A abordagem diversificada, que inclui desde músicas folclóricas até peças eruditas mais conhecidas, reflete uma estratégia interessante para envolver os alunos em diferentes estilos musicais, promovendo uma educação musical mais abrangente e inclusiva.

Sobre as decisões pedagógicas para aulas observadas, relatei alguns procedimentos que pude perceber e tomar nota. Percebi que a professora toma cuidados para questões técnicas específicas para o violão. Também, procura atendê-los individualmente, com calma e atenção. Porém, também foram observadas questões relacionadas à energia das crianças naquele momento, onde alguns apresentaram-se mais agitadas que outras.

Inicialmente, a professora passou a música com cada um, corrigindo as posturas e as digitações da mão esquerda. Sobre a posição e o toque com a mão direita, ela lembrou a eles de pensarem no movimento da mão segurando uma bola de tênis. Após passar um por um, a professora fez o exercício de tocar um compasso da música com os toques alternados entre dedos indicadores e médios na mão direita. Porém isso foi uma novidade para eles. Anteriormente, eles tocavam apenas com um dedo. Ana perguntou se acharam muito fácil e quase todos responderam que não. Apenas uma disse que sim. Eles preferiam com o dedão. Então, ela disse que tudo bem eles tocarem com o dedão, mas que isso fosse feito com concentração na música, pois eles estavam bastante dispersos. Dois alunos faziam muitas brincadeiras desrespeitosas com colegas e isso demandava uma energia por parte da

Ana no sentido de tentar oferecer limites para essas atitudes. Após esses exercícios, a turma passou a música por inteiro, coletivamente. Antes, a professora passou uma vez sozinha, pedindo que ouvissem com atenção. Depois, tocou com eles, acompanhando com acordes, mas também fazendo a melodia junto. A aula teve um ritmo lento em função da necessidade de controlar a exaltação nas brincadeiras dos dois alunos. Também percebi que o tempo de cada um tocar acaba sendo maior, pois eles erram e começam novamente, mesmo que a professora não faça esse pedido. Eles mesmos percebem quando não tocaram a nota que estava na partitura, por já estarem bastante familiarizados com a música. Com exceção dos dois alunos citados, os outros parecem com motivação para os estudos, tendo feito os exercícios com atenção, demonstrando também satisfação com os acertos (Anotações pessoais de campo, 2023).

Ana também comenta sobre atividades que envolvem jogos de criação durante as aulas. No dia da entrevista, ela estava com um dado no material de aula, conforme explicado a seguir. Mesmo que não tenha usado na aula em que observei, ela descreveu o uso do material, a reação dos estudantes com ele e o quanto ela considera importante esse tipo de brincadeira para o aprendizado musical. Também cita o dia do Maestro, onde cada estudante rege a turma.

Esse dadinho que tem umas notas a gente trabalha muito a questão de composição e criação com esse brinquedo aqui que eu fiz. Mas as crianças primeiramente fazem o trabalho de reconhecimento de notas. Então eles jogam esse dado aqui para tirar uma nota ao acaso e eles têm que fazer uma brincadeira que eles têm que botar o dedo certo na casa certa, então quem conseguir fazer tudo certo, corretamente a postura... Isso meio que incentiva eles a querer fazer certo, ou a competição saudável (eu acredito). Então, eles colocam a nota e aí eu vou escrevendo no quadro depois logo em seguida, eles podem combinar essas notas fazendo uma melodia. Obviamente vai sempre ser dó maior. Eu não tô abordando outra tonalidade, eles são muito iniciantes. Mas a gente consegue brincar com esse jogo de notas, né? E eles mesmo vão ouvindo as vezes “ah, prof, não soou tão bem”. Aí eles vão re combinando e “Ah, agora ficou legal”. Então, esse é o espaço que eu tenho de composição para eles hoje. Eu tenho seguido certo cronograma de conteúdos mais ligados a performance do que a justamente fazer criações, mas quando tem algumas aulas assim que eu priorizo que eles também façam isso, porque eu acho que ela auxilia tanto a memorização das notas no braço de violão, quanto a própria criação musical de eles ouvirem que eles estão fazendo. Isso é bem importante (...) Eles acham o máximo porque tem pontuação, então eles tem essa competição, que tem que ganhar do coleguinha, mas ainda assim é uma competição bem saudável, todo mundo sai rindo todo mundo sai faceiro. Eh, eles adoram essas tipos de jogos assim e eles adoram quando eles estão no comando da música, então também tem o dia do Maestro, que eles regem os colegas. Eles adoram. Acho que ali eles tomam um poder de organização e isso faz eles ficarem super motivados (Professora Ana, entrevista, 2023).

O professor Sérgio também se utiliza de brincadeiras e jogos para suas aulas. Em

uma das aulas, observei uma brincadeira de percepção, também envolvendo as notas no violão. Consistia, basicamente, em “adivinhar” a corda e a casa que estava sendo tocada.

Ainda sobre as escolhas de materiais para o planejamento e realização das aulas, o professor Sérgio comenta que muito do que foi utilizado em aula é um compilado de diversos materiais, métodos e atividades desenvolvidas ao longo de sua trajetória como estudante e como professor, anterior ao projeto atual. Portanto, não se utiliza de um método específico para suas aulas.

Eu nunca pego e faço um método inteiro do início ao fim, porque eu gosto de tentar vincular coisas de vários lugares diferentes, juntando, e criar uma identidade, geralmente. Varia muito de turma para turma as coisas que eu vou trabalhando. Raramente eu consigo aproveitar o mesmo material numa turma e na outra 100%. É basicamente isso, é experiência própria, muita coisa construí. Muita coisa tenho no meu computador, muito pdf. Eu vou fisingando uma coisinha aqui, ali e vou juntando tudo (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

O mesmo é reforçado pela professora Ana, que também cita alguns detalhes a mais sobre a escolha das características dos arranjos que se utiliza em suas aulas, que procura sempre manter de forma adequada às especificidades de cada turma. Tudo isso sempre utilizando de sua trajetória e experiência adquirida com os estudos e trabalhos como docente.

Eu não trabalho com um método único, né? Eu trabalho com uma série de métodos de violão e que eu vou me apropriando do que eu acho que é mais coerente naquela turma, naquele momento. Então, eu não tenho uma escolha fixa de repertório. Vai muito do que a turma me oferece primeiramente, depois a gente vai trabalhando. Mas claro que coisas óbvias assim de início, né? Como músicas muito simples usando cordas soltas. É esse tipo de material. Eu sempre vou utilizar arranjos. Tu viu que eu faço acordes simplificados com eles, usando só as três primeiras cordas. Então, eu também tento trabalhar melodia e essa parte mais harmônica de acompanhamento, né? Enfim, parte técnica, mas isso tudo partindo de níveis diversos e de coisas que eu experimentei que funcionou. Então, algumas coisas que são vozes da minha cabeça e que funcionam às vezes também (Professora Ana, entrevista, 2023).

Algo também importante a se observar sobre os materiais de aula é o incentivo constante de ambos, professora e professor, para o uso de caderno, lápis, borracha e caneta nas aulas. Os estudantes sempre foram solicitados a pegarem seus materiais de escrita, em um momento específico de aula, onde eles iriam apenas tomar nota do que o professor ou a professora solicitava, em relação aos conteúdos específicos. É uma maneira de buscar a concentração e foco da turma, que acaba tendo no caderno de aula com anotações um material didático para consulta em casa.

Sobre partituras, cifras e letras, cada professor possui uma abordagem diferente para suas turmas, mesmo que sejam da mesma faixa-etária. A professora Ana utiliza-se de leitura de partitura, diferente do professor Sérgio, que se utiliza apenas de cifras e letras de música (pelo menos nas turmas observadas). Isso mostra-se como uma decisão particular, que é influenciada pela trajetória de cada um deles. Entretanto, essa decisão também influencia no andamento da aula, considerando que com a partitura, existe uma abordagem de um conteúdo específico de leitura, com identificação de notas na pauta e compreensão da simbologia das figuras rítmicas. Em minhas observações, percebi que a turma da professora Ana já tinha sido introduzida a esse conteúdo, pois já estavam trabalhando uma música com semínimas na aula. Ana cita na entrevista que as aulas com leitura de partitura são as mais difíceis para eles, pois não se envolvem com essa prática, ficando bravos ou chateados. Ainda assim, ela considera importante esse momento para o aprendizado musical deles.

Em relação ao que os estudantes não gostam de fazer em suas aulas o professor Sérgio cita que eles não gostam de fazer exercícios de técnica, mas sim de fazer música como um todo, percebendo o som acontecendo.

Eu acho que eles não gostam de fazer exercícios, coisas muito mecânicas. Acho que não é uma coisa interessante, né? Nem a gente gosta, né? Vamos falar a verdade. Que nem fazer escala. A gente só tem que fazer. Que nem comer salada. Eles não gostam disso. Eu acho que eles gostam de fazer música, de ver o som acontecendo. O processo geralmente não é muito prazeroso para eles. Eu percebo que é mais quando tu já tá com as coisas meio prontas (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

Por outro lado, os professores percebem que a performance é sempre um momento especial para a turma, parecendo ser o que eles mais gostam de realizar.

Uma das coisas que essa turma especialmente gosta muito, gostou muito, quando eu fiz, foi se apresentar. Muito mais do que eu imaginei. Nunca imaginei que eles iam querer se apresentar e foi uma loucura o quanto eles gostaram de se apresentar. A gente teve uma audição que foi que finalizou um semestre, mas a gente teve também um momento em que eu levei eles para tocar no saguão do [Projeto]. Um momento descontraído para lá e tal. A gente tocou para todo mundo que tava passando e aí os pais estavam ali também. Nossa, eles voltaram na aula seguinte já querendo fazer de novo, gostaram muito desse momento de estar no palco, de serem visto, as pessoas verem eles fazendo. Então acho que isso é o que eles mais gostam, né de tocar música e de apresentar e ver os pais ali em volta gostando e parece que fizeram o que mais gostam. Talvez seja isso (Professora Ana, entrevista, 2023).

A professora também comenta sobre como é importante também para ela o processo com a performance. Ouvir a música como um todo, percebendo que houve

uma compreensão por parte dos estudantes sobre o que e como deveria ser tocado naquele momento, são elementos importantes para a sua atuação e motivação como docente:

Mais do que os jogos que eu também gosto, mas eu gosto muito de fazer performance, eu gosto quando a coisa começa a arredondar. Acho que a satisfação do professor é ver que a coisa tá arredondando, que os alunos estão conseguindo entender, que eles estão se divertindo no processo. Porque quando arredonda todos eles se divertem no processo também, né? E eu vi isso acontecer nas apresentações e depois eles “prof, vamos tocar tal coisa...”. Por que tá pronto né, não precisa pensar na posição. Claro, tá na mão, né? Não precisa pensar muito, então já é aquela música mais automática. E aí eu também me divirto bastante de ver a música arredondada. Quando a música funciona, quando todo mundo toca junto, quando eu vejo que eles estão entendendo o processo, que as dúvidas foram sanadas, então para mim é muito satisfatório ter aquela aula onde a gente performa, né? Mas claro, essa é a pontinha lá no fim do processo, to sendo sincera contigo, que é a parte que a gente mais gosta. Mas, obviamente, toda a caminhada é válida e a gente se diverte no meio disso também (Professora Ana, entrevista, 2023).

Ainda que não haja obrigatoriedade na participação dos estudantes em performances, ambos, professor e professora, relatam a participação e envolvimento coletivo com esses momentos. Isso indica um entusiasmo por parte dos alunos nesse processo. A visibilidade proporcionada pela performance musical coloca-os como protagonistas do espetáculo. São as estrelas da apresentação, tendo seu reconhecimento pelo público que prestigia o seu momento musical.

O desejo de repetir e conversar sobre a experiência positiva mostra como esses momentos têm um impacto positivo no processo de aprendizagem dos alunos. Tocar música tornou-se não só uma atividade técnica, mas também uma forma de reconhecimento de suas habilidades, que lhes oferece satisfação e alegria. Nesse contexto, a música não é apenas uma disciplina, mas uma experiência significativa que transcende os limites da sala de aula, proporcionando aos alunos não apenas habilidades técnicas, mas também memórias coletivas.

Ainda sobre essa questão o professor Sérgio traz mais detalhes sobre o processo com a apresentação, trazendo exemplo de outras turmas.

Me surpreendeu muito como nessa turma, como todas na verdade esse ano, todo mundo adorou muito a ideia de apresentação. E, geralmente, quando dava para os mais velhos era muito mais ansioso essa coisa: “meu deus uma apresentação”. As crianças não estão nem aí. Ah, vamos se apresentar e vamos embora. Então nesse sentido foi bem mais tranquilo. Não há uma obrigação para que nós professores do projeto façamos a apresentação. Tu pode falar, olha não vou apresentar minha turma, não tem nada não. Não tá pronto, não vou apresentar nada e não apresenta. Mas no geral a gente quer se envolver, do meu ponto de vista. O que eu faço é que eu não começo um semestre pensando que

está acontecendo. Eu começo só fazendo coisa. Quando chega ali pela metade do semestre, um pouquinho mais para frente, eu faço um balanço. Olha a gente tem feito tais coisas tá e funcionam bem. Que que dessas aqui poderia ir para uma apresentação. Poderia ir essa aqui. Então quando chega ali, mais ou menos depois da metade do semestre, eu começo a ver o que que tá funcionando, o que que a gente poderia fazer e que seria legal de fazer. E aí eu começo a criar esse objetivo com a turma. Temos uma apresentação, vamos deixar essa música mais bonita. E aí criei esse objetivo. Mas só quando falta pouco tempo. Quatro semanas, cinco semanas. Antes disso nem eu me preocupo. Só vai acontecendo. E aí não aconteceu ainda, mas se chegar ali no final nesse período e vi que não tem nada para funcionar, a gente não apresenta. Tá tudo bem, não é uma obrigação. Se for uma turma de alunos mais velhos eu vou dizer, olha a gente não vai apresentar porque a gente não conseguiu fazer, geralmente. É porque eles não estudaram, se for o caso. Mas funciona, teve um caso de uma turma de mais velhos que tive esse semestre que a gente conseguiu resolver a música em cima da hora. E eu tava dizendo “Olha, pode ser que a gente não consiga, se na próxima aula a gente não conseguir fazer, não vai dar, vocês vão ter que estudar em casa”. E aí tinha essa motivação, não foi a melhor das apresentações, mas funcionou e a gente apresentou. Então, foi isso. (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

A performance musical é, portanto, a atividade que os estudantes mais se envolvem durante o semestre de aulas. Diferente disso, atividades voltadas a técnicas, com exercícios práticos e leitura de partitura, como também observado pela professora Ana, foram as menos satisfatórias para eles. Em observações de aula, pude constatar essas questões. Nas aulas de ambos os professores houve momentos de conversas e lembranças sobre as apresentações, sempre de forma descontraída.

O professor Sérgio também destaca estratégias pedagógicas relacionadas à necessidade de manter a motivação, a confiança e o bem-estar dos estudantes. Ele enfatiza a importância de evitar termos negativos como "está errado", optando por palavras com ideias mais positivas, como substituir "errado" por "diferente". Também comenta sobre a importância de reconhecer e valorizar contribuições dos alunos que surgem de experiências fora da sala de aula, incentivando o desenvolvimento autônomo e a prática em casa.

Eu tento ter alguns cuidados com algumas coisas. Nem sempre eu consigo, mas especialmente com as crianças, é evitar algumas palavras. Tipo “tá errado”. Por exemplo, isso que eu tento evitar fazer. Às vezes escapa, mas eu tento substituir errado por diferente, por exemplo. Isto que tu fez aqui está um pouco diferente do que a gente conversou. Vamos tentar fazer assim, talvez fique melhor de uma outra forma. De não dar para criança “meu deus eu errei”, que às vezes pode ser um pouco forte demais para algumas crianças. De autoconfiança e motivação e sensação de bem-estar, tipo de motivação, é tentar sempre elogiar. Sempre, sempre quando as coisas acontecerem elogiar, mesmo que não, não merecesse elogio daquele momento. Eles não tinham ido

tão bem, mas elogiar, dizer que tava, que soou bem. Aumentar muito os elogios. Então é “Nossa o teu som tá muito bonito”, “o som tá bom”, mas só não tá ruim né? “Mas nossa tá muito bonito teu som, foi muito bom tentar”. Ficar muito ligado para observar quando o aluno faz alguma coisa que tu percebe que foi que veio de alguma interação que ele teve em casa, por exemplo. Então, ela vem com alguma coisa nova que não foi eu que ensinei. “Poxa, que legal isso que tu fez e tal”. Porque ele vai criar uma sensação de poxa, eu estudei em casa e recebi uma recompensa do professor. Às vezes acontece que o aluno traz alguma coisa, já vi isso acontecer. E o professor “isso não é assunto da nossa aula” e corta o aluno. Eu fico feliz até quando o aluno vem falar não estudei o que tu me passou, mas estudei isso aqui. Poxa, que legal que fez isso bacana, porque eu acho que dá uma motivação para eles continuarem estudando em casa, desenvolverem o que vem fazendo e tem feito. Então eu acho que são essas estratégias que eu utilizo muito assim. Quanto mais vai avançando a idade menos eu vou fazendo. Ainda faço, mesmo com adolescência, eu ainda exagero um pouco, mas eu vou fazendo menos, eu não tenho mais tanto cuidado com as palavras. Com as crianças pequenas, especialmente, faço muito isso (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

O mesmo foi observado pela professora Ana, que usa do termo “reforço positivo” para se referir a essas escolhas de termos que se detém ao elogio e às virtudes dos estudantes, com cuidado e acolhimento nas palavras. Essas atitudes também puderam ser percebidas nas observações de aula, onde os professores sempre utilizaram dessas expressões para avaliar as atividades desenvolvidas. Quando um estudante fazia a atividade de uma outra maneira, talvez não da forma mais adequada tecnicamente, ou com uma postura que poderia ser arriscada para a saúde corporal, os professores também intervinham, porém sempre de forma cuidadosa, sem transparecer algum tipo de sentimento negativo quanto a suas correções.

Os professores também comentaram um pouco sobre como acontece o processo de avaliação dos estudantes do projeto. O professor Sérgio cita que procura dar um parecer individual aos familiares no final do semestre, salientando o envolvimento dos estudantes na sua percepção. Esse parecer é solicitado pelo projeto.

A gente tem um processo que não é bem avaliação, a gente chama de parecer. Ao final de cada semestre, a gente manda para os alunos um parecer de dois parágrafos, mais ou menos, escrevendo como foi o semestre e o que que eles podem melhorar. No geral, o que eu busco fazer nesse parecer e todos os professores também é, numa primeira parte dar elogios. Por que a ideia é que o aluno leia isso com a família depois. Então, trago elogios, trago aquilo que é positivo de cada aluno. Então, tem que ser uma coisa bem individualizada. E, ao final, o que eu faço não é nada de dar uma nota ou algo assim, mas é de dar uma orientação, porque ele pode melhorar. E aí também é muito individual, então eu lembro que no semestre passado, para [Maria], o que eu falei foi para ela tentar estudar mais com a família e já escrevi um texto sabendo que quem mais iria absorver seriam os

pais. Então, no caso do João foi “Ah, João, te falta agora conhecer mais acorde”. Então, tentar buscar isso durante as férias. Acorde na internet, músicas da internet. Então é uma coisa bem individualizada. Mas é bem isso, não existe reprovação nem nada, nenhum tipo de conceito. É só a orientações, porque se pode ir construindo assim no caminho (Professor Sérgio, entrevista, 2023).

O professor comenta também que não existe a necessidade de conceituar, ou dar nota final para os estudantes. Confia no seu *feedback* sobre o processo de aprendizagem como instrumento de avaliação. Sobre essas questões, Hentschke e Del-Ben (2003) refletem sobre sua visão de como é a melhor forma de avaliar a aprendizagem musical de estudantes, que estaria relacionada, diretamente, a atenção do docente sobre as práticas musicais, considerando a apreciação, a execução e a composição.

A melhor forma de avaliar a aprendizagem musical dos alunos é investigando e analisando suas práticas musicais. O conhecimento e a compreensão musical dos alunos serão revelados nas suas próprias ações musicais pelas atividades de composição, execução e/ou apreciação. A partir dessa concepção, a avaliação passa a focalizar não os aspectos emocionais ou pessoais dos alunos, mas os produtos musicais provenientes das atividades de composição, execução e apreciação. Mas como compreender os produtos musicais provenientes dessas atividades? É preciso, primeiramente, ter disposição para ouvir o que nos dizem as composições, execuções e apreciações de nossos alunos. Disposição para compreender quais são as qualidades e/ou características de seus produtos musicais. Posteriormente, precisamos relacionar essas características com os conhecimentos e experiências anteriores dos alunos e com aquilo que foi trabalhado em sala de aula (HENTSCHKE e DEL-BEN, 2003 p.186).

Da mesma forma, a professora Ana também cita o parecer avaliativo ao final do semestre, como uma necessidade institucional do projeto para oferecer o *feedback* aos familiares dos estudantes. Portanto, o parecer funciona como uma forma de relatar o envolvimento dos estudantes com as atividades desenvolvidas pelos docentes em sala de aula. Para tanto, é necessário que o professor esteja constantemente observando e, se possível, registrando, a cada aula, os principais apontamentos necessários para um processo de avaliação contínuo, atentando para as práticas musicais dos estudantes, considerando as atividades de composição, apreciação e execução.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado trouxe importantes reflexões sobre as diferentes dimensões pedagógicas da atuação de educadores musicais de ensino coletivo de violão em projeto público de educação musical. Mais do que ensinar as técnicas de violão, as

respostas das entrevistas evidenciaram a necessidade de uma atuação pedagógica no sentido de fortalecer as relações humanas entre professores e estudantes dentro da sala de aula.

A formação dos docentes, entretanto, se faz como um elemento importante para que os vínculos sejam construídos. As experiências com diferentes práticas de ensino, tanto coletiva, quanto individual, e uma trajetória que engloba diferentes níveis de formação, com bacharelados, licenciaturas, pós-graduações e cursos de especialização, também podem auxiliar no processo de decisão de escolhas pedagógicas por parte dos professores.

Com o apoio da literatura da área, também pôde-se observar a necessidade de considerar as individualidades e as histórias de vida dos estudantes. Para isso, faz-se necessário uma atenção especial do educador, que deve estar aberto a conhecer seus estudantes para muito além dos aspectos técnico-musicais.

A relação das pessoas com a música surge de uma necessidade individual de, principalmente, encontrar uma fonte de bem-estar, inspiração e motivação para seguir a vida, com suas dificuldades e alegrias. Dentro disso, ao longo do processo de aprendizagem musical, diferentes caminhos serão trilhados e novas relações entre o indivíduo e a música surgirão, trazendo novos significados para suas vidas. Aprender um instrumento é também buscar o desenvolvimento de uma nova habilidade, onde desafios práticos envolvendo diferentes técnicas serão colocados para cada um. Desafios que envolvem, concentração, abstração, consciência corporal, autocuidado, escuta ativa, senso de coletividade, escolhas e tomadas de decisões, entre tantos outros elementos a serem desenvolvidos.

O educador musical, portanto, surge como uma figura importante, que deve auxiliar nesse processo de aprendizagem, reconhecendo potenciais e dificuldades, tanto individual, como coletivas. Mais do que isso, o docente tem a oportunidade de estabelecer vínculos afetivos, que gerem acolhimento e confiança durante todas as etapas desses processos para os estudantes.

Com as práticas coletivas de instrumento musical, estudantes e professores estabelecem um ambiente de aprendizado em grupo, onde todos e todas podem estar envolvidos em um espaço de convivência social, estabelecendo relações humanas profundas ou não, mas que influenciam diretamente na construção da identidade de todos que ali se encontram. Seja com o violão ou outros instrumentos, as práticas coletivas

favorecem um processo de aprendizado com o tocar e aprender em conjunto. Educadores surgem como uma figura de inspiração, mas também de acolhimento e compreensão, auxiliando no caminho dos estudantes e tendo na música uma fonte de autoconhecimento e ferramenta potencializadora das relações sociais.

Algumas outras questões também se fizeram notar, como o fato de as turmas observadas abarcarem, nesse momento, predominantemente, um público de classe média branca. Essa questão é importante de refletir, no sentido de que se trata de um projeto onde o acesso é público e gratuito. Porém, questões como a localização do projeto, longe de regiões periféricas, que dificulta o deslocamento e o acesso, pode ser um dos pontos a serem consideradas. Também, a falta de divulgação é um desses fatores que dificulta o acesso a um público-alvo mais diversificado. Portanto, sugere-se que políticas institucionais possam ser pensadas nesse sentido, junto com o apoio do corpo docente, para que se possa facilitar o acesso desse público ao projeto.

Também foi observado que existe uma resistência por parte dos estudantes relacionadas aos estudos de técnica e com a necessidade de partituras. Isso era esperado, considerando que o momento de vida das crianças é de se mexer, interagir, brincar, se divertir e outras atividades voltadas ao lúdico e a espontaneidade. Assim, atividades que exigem certa atenção, foco e postura corporal, tendem a ser vistas como incômodas pelos estudantes, que acabam preferindo o processo de apreciação, execução e criação musical como resultados mais imediatos.

O trabalho também foi uma oportunidade de conhecer os aspectos envolvendo a educação musical em um projeto público de ensino. Esses espaços merecem uma atenção especial, considerando sua relevância na oferta de aulas gratuitas. É importante o desenvolvimento de pesquisas que busquem compreender as especificidades envolvendo a atuação pedagógica de docentes em música nesses projetos, conhecendo o contexto onde estão inseridos e as identidades socioculturais ali presentes.

Estudos que busquem compreender a realidade da educação musical, com foco nas práticas coletivas de instrumentos musicais, contribuem para a constante reflexão sobre a atuação dos docentes e sua relação com os estudantes. Porém, cada caso apresentará suas particularidades. Cada educador e educadora poderão contribuir de diferentes maneiras, trazendo diferentes contribuições, a partir de suas experiências e trajetórias pessoais. Também, as questões institucionais e administrativas relacionadas aos recursos e espaços de aula dos projetos também devem sempre ser levadas em conta.

Cabe ao pesquisador da área estar atento a essas questões, considerando as diferentes formas de coleta de dados e consequente análises, para que haja sempre novas narrativas que nos façam refletir sobre os processos que envolvem a educação musical.

O desenvolvimento do trabalho também me permitiu entrar em contato com a temática do ensino de violão coletivo de uma nova maneira, onde pude encontrar referências de estudo na área. Mais do que isso, foi possível também estabelecer relações diretas com os aprendizados desenvolvidos ao longo das disciplinas da graduação, principalmente relacionadas aos aspectos da docência. Observar, conversar, ler, refletir e compreender mais sobre a atuação de professores de violão foi uma maneira de estabelecer alguns princípios pessoais para minha trajetória como professor de música. Bem como, de compreender esses princípios para atuação de docentes em música

Acredito nas práticas musicais coletivas como momentos de integração e fortalecimento dos potenciais da sensibilidade humana. As práticas musicais de tradições orais, que têm na formação de rodas a interação direta entre participantes, me remetem à necessidade de olhar para as práticas coletivas de ensino de música com os mesmos valores de integração humana e social, com esse formato de pessoas sentadas em círculos. Isso faz com que os estudantes e professores, presentes nesse momento, se olhem e interajam diretamente e com mais atenção. O violão, como elemento agregador de interesses musicais, apresenta-se como uma importante ferramenta de educação musical coletiva, podendo, a partir de um momento em roda, ou de semi-círculos, estabelecer vínculos e memórias afetivas para quem estiver envolvido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José. Coelho. O ensino coletivo de instrumentos musicais: Aspectos históricos, políticos, didáticos, econômicos e socioculturais. Um relato. In ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 2004, Goiânia. **Anais eletrônicos**, Goiânia, 2008. Disponível em <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/888/o/Anais_I_ENECIM.pdf>. Acesso em 15 jun.2024.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:**

uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Sara dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1991

BRAGA, Eudes C. **O ensino de violão em grupo**: um estudo de caso na escola parque 210/211n. Trabalho de Conclusão de Curso. UNB. Brasília, DF. 2013. Disponível em <<https://bdm.unb.br/handle/10483/6875>>. Acesso em 20 jun.2023

CRUVINEL, Flávia Maria. I ENECIM – Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical: o início de uma trajetória de sucesso. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 2004, Goiânia. **Anais eletrônicos**. Goiânia, 2008. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/888/o/Anais_I_ENECIM.pdf>. Acesso em: 16 Jun. 2023.

CRUVINEL, Flávia Maria. O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical In: III ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL. Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília, 2008. Disponível em:<<http://www.musicaeducacao.ufc.br/Para%20o%20site/Revistas%20e%20peri%C3%B3dicos/Artigos/sobre%20pr%C3%A1ticas%20musicais%20instrumental%20e%20vocal/Ensino%20Coletivo%20de%20Instr%20Musical%20na%20Escola.pdf>>. Acesso em: 15 Jun. 2023.

FIALHO, Vania Malagutti. Ser professor de música em projetos sociais: aspectos da atuação e da formação. In: SOUZA, J. (Org). **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2012. p.123-137

GREEN, L. Identidade de Gênero, experiência musical e escolaridade. In: Revista Música, Psicologia e Educação; Nº2. Instituto Politécnico do Porto. Porto, 2000. Disponível em: <<https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/3131>>. Acesso em: 23 fev. 2023.

HENTSCHKE, Liane; DEL-BEN, Luciana. Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: HENTSCHKE, L.; DEL BEN, L. (Org) **Ensino de música**:

propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Editora Moderna, 2003. p. 176-190.

MORATO, Cíntia Thais; GONÇALVES, Lilia Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! In: MATEIRO, T.; SOUZA, J. (Org) **Práticas de ensinar música.** Porto Alegre: Sulina, 2014. p.119 - 133.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante.** Tradução de Marisa Tereza de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lucia Pascoal. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente.** Tradução de Alda e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

TOURINHO, Ana Cristina Gama dos Santos. O ensino coletivo de violão na educação básica e em espaços alternativos: utopia ou possibilidade? In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM CENTRO-OESTE, VIII, 2008, Brasília. **Anais eletrônicos.** Brasília: ABEM, 2008. Disponível em: <[http://pt.scribd.com/doc/102696943/Artigo- Ana-Tourinho](http://pt.scribd.com/doc/102696943/Artigo-Ana-Tourinho)>. Acesso em: 16 ago 2023.

TOURINHO. Ana Cristina Gama dos Santos. Reflexões sobre o ensino coletivo de instrumentos na escola. In: I ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 2004, Goiânia. **Anais eletrônicos.** Goiânia, 2008. ABEM. Disponível em: <<http://portal.brasilsonoro.com/downloads/915>>. Acesso em: 16 ago 2023.

TOURINHO. Ana Cristina Gama dos Santos. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABEM, XVI, 2007, Campo Grande, MS. **Anais eletrônicos.** Campo Grande, MS:ABEM, 2007. Disponível em: <[http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_e/Ensino %20Coletivo%20de%20Instrumentos%20Musicais%20Ana%20Tourinho.pdf](http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_e/Ensino%20Coletivo%20de%20Instrumentos%20Musicais%20Ana%20Tourinho.pdf)> Acesso em: 16 ago. 2023.

KATER, Carlos. **O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, mar. 2004.

TORRES, Cecília; SCHMELING, Agnes; TEXEIRA, Lúcia, SOUZA, Jusamara. Escolhas e organização de repertório musical para grupos corais e instrumentais. In: HENTSCHKE, L.; DEL BEN, L. (Org) **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula.** São Paulo: Editora Moderna, 2003. p. 62-67.

ANEXOS I

Roteiro de entrevista

Estudantes

Quem são seus estudantes?

- Faixa-etária...Identificação...

Eles já estudavam música anteriormente?

Estudam em outras turmas do projeto?

Como você enxerga a relação entre seus estudantes?

Como você enxerga a relação dos seus estudantes com você?

O que você observa no acompanhamento familiar dos estudantes?

- Existe alguma situação ou caso específico na relação familiar que você gostaria de compartilhar?

Gostaria de comentar sobre algum caso ou situação específica envolvendo os estudantes?

Professor(a)

Qual sua formação? (Acadêmica...Extra-acadêmica...)

Antes de assumir o projeto atual, qual sua experiência como professor(a)?

Como você percebe que suas experiências anteriores podem ter efeito nas suas aulas atualmente no projeto projeto?

Processos pedagógicos

Qual o objetivo de suas aulas?

Como se dá o processo de escolha dos materiais didáticos utilizados em aula?

Como você prepara suas aulas?

Como você desenvolve atividades de criação ou composição musical com seus estudantes?

Como você atende as demandas individuais dos estudantes?

Quais estratégias você utiliza para facilitar o processo de autoconfiança, motivação e

sensação de bem-estar dos estudantes?

Quais as atividades que os estudantes mais gostam de realizar?

Quais as atividades que os estudantes menos gostam de realizar?

Quais as atividades que você mais gosta de realizar?

Quais atividades você menos gosta de realizar?

Como é o seu processo de avaliação dos estudantes?

Aspectos Institucionais (contextualização, para interpretação pessoal)

Existe um plano de ensino institucional?

A instituição fornece materiais para as aulas?

Aspectos Técnico-Musicais

O que você considera essencial para o processo de aprendizagem dos alunos com o instrumento?

Quais são as especificidades técnico-musicais trabalhadas com a turma?

Quais são os critérios utilizados para a escolha do repertório?

Quais são as principais dificuldades técnicas observadas nos estudantes (turma)?

Em que aspecto dos conteúdos trabalhados você percebe que existe maior resistência de aprendizado por parte dos alunos?

Como você resolve questões técnicas para as apresentações (se elas existem)?

ANEXOS II

Modelo do termo de consentimento dos entrevistados

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LICENCIATURA EM MÚSICA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM EDUCAÇÃO MUSICAL I
(DISCIPLINA)**

MARCO AURÉLIO DE CARVALHO AURICH

Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidada (o) a participar de uma entrevista sobre sua experiência como docente de música. A entrevista será realizada por Marco Aurélio de Carvalho Aurich, aluno do curso de Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do professor Dr. Renato Cardoso. O objetivo desta entrevista é fornecer dados qualitativos para uma pesquisa sobre a atuação pedagógica no ensino de violão coletivo. Os dados serão subsídios para o Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Musical do aluno entrevistador e serão analisados e discutidos com o apoio da revisão bibliográfica.

A entrevista será realizada em um único encontro, no local e horário que você determinar. Sua participação é voluntária e livre de qualquer benefício financeiro. Você é livre para recusar-se a participar ou interromper a entrevista a qualquer momento. Garantimos que seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão de informações que permitam identificá-lo(a).

As informações serão gravadas digitalmente durante a entrevista, para garantir uma maior fidelidade em seu registro. Você poderá receber esclarecimentos antes, durante e após a finalização do processo. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o entrevistador e a outra com você.

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____, fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.